

## **A MENTE HUMANA E A IMAGINAÇÃO: TRANSPONDO OS LIMITES DO DADO EMPÍRICO**

HUMAN MIND AND IMAGINATION: TRANSPOSING THE LIMITS OF EMPIRICAL DATA

*André Luiz Olivier da Silva<sup>1</sup>*

### **RESUMO:**

O trabalho aborda o processo cognitivo de associação de ideias pela imaginação, com base no empirismo de David Hume, segundo o qual toda ideia provém de impressões sensíveis e é processada a partir de um movimento associativo que se estabelece na mente humana. Cabe, então, indagar como se dá esse processo, com o objetivo de (i) apontar a inversão metodológica exigida pelo empirismo, que, embora derive suas ideias de impressões sensíveis, tem como foco justamente a associação de ideias; (ii) explicar esse processo associativo a partir das faculdades da memória e da imaginação; e (iii) mostrar que a imaginação fomenta a associação de ideias, conferindo-lhe unidade ao conectá-las em ideias complexas. A conclusão para a qual se quer chegar é que a imaginação processa as ideias na mente humana e ultrapassa os limites do dado empírico, imaginando ideias que vão além daquilo que os elementos empíricos fornecem à percepção.

**Palavras-chave:** Hume; empirismo; natureza humana; ideias; imaginação.

### **ABSTRACT:**

The paper discusses the cognitive process of association of ideas by imagination, based on empiricism of David Hume, according to which every idea comes from sensible impressions and is processed from an associative movement that sets the human mind. We must then ask how this process takes place with the purpose of (i) to point the methodological inversion required by empiricism, that, although derive their ideas of sensible impressions, focuses precisely on the association of ideas; (ii) to explain this associative process from the faculties of memory and imagination; and (iii) to show that imagination encourages the association of ideas, conferring unity to connect them into complex ideas. The conclusion to which we want to reach is that the imagination processes the ideas in the human mind and exceeds the limits of empirical data, imagining ideas that go beyond what the empirical data to provide to perception.

**Key words:** Hume; empiricism; human nature; ideas; imagination.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia e Professor dos Cursos de Graduação em Direito e Relações Internacionais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bacharel em Filosofia e Direito; Advogado e, atualmente, Coordenador do Curso de Graduação em Direito da Unisinos. Email: andreluiz@unisinos.br

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o processo cognitivo de associação de ideias a partir da imaginação da natureza humana e, para tanto, adota, como método, o empirismo proposto por David Hume. A partir de uma metodologia de cunho empírico, podemos indagar como se dá o processo de associação de ideias na mente humana, mais precisamente em sua imaginação. Como resposta, indicamos o ponto de partida da investigação empirista, que é sempre a impressão sensível. É justamente a partir deste tipo de percepção que se inicia todo processo cognitivo. Porém, o impulso dado pela sensibilidade não se reduz a impressões sensíveis, pois logo se constitui em ideia, vindo, inclusive, a influenciar o seu processo associativo, que é também ditado sempre por impressões sensíveis.

A associação de ideias é operada pelas faculdades da natureza humana (a memória e a imaginação), principalmente pela imaginação, que, embora produza ideias mais distantes das impressões sensíveis do que as ideias da memória, formula também as ideias mais complexas e coesas, razão pela qual desempenham um forte papel no processo cognitivo. A associação de ideias constituída na faculdade da imaginação está conectada às impressões sensíveis, mesmo que de modo longínquo e apagado. As ideias da imaginação ganham conexão e unidade na medida em que se vinculam às impressões sensíveis por meio de graus de vivacidade e intensidade. Ao final do trabalho, pretende-se mostrar que a imaginação processa a associação de ideias com muito mais liberdade do que a memória, que tem de estar muito mais apegada às impressões sensíveis do que as ideias da imaginação. A imaginação chega ao ponto de ultrapassar os limites do dado empírico ao imaginar, livremente, ideias que vão além daquilo que os elementos empíricos fornecem às percepções da natureza humana.

### 1. DAS IMPRESSÕES ÀS IDEIAS

As percepções da natureza humana são divididas em duas classes: impressões e ideias (HUME, 2001, p. 25; 2004, p. 34)<sup>2</sup>, de modo que as impressões sensíveis desempenham forte influência no processo cognitivo que vai das impressões às ideias. Nesse processo de conhecimento, as percepções inicialmente são impressões de sensação e, somente após um

---

<sup>2</sup> *impressions and ideas* (HUME, 1992, p. 1; HUME, 2006, p. 18)

processo associativo dessas impressões básicas, a mente chega a uma impressão de reflexão. Conforme Hume, as percepções denominadas impressões são bipartidas em **sensação** e **reflexão** (HUME, 2001, p. 32)<sup>3</sup>. Essa divisão retrata, novamente, a primazia das impressões sensíveis, mas deve-se ressaltar que a relação entre reflexão e sensação ocorre por meio de graus de evidência, no sentido de que ambas são impressões, embora uma seja mais intensa e vívida do que a outra.

As impressões diretamente vinculadas à sensação são as percepções com mais vivacidade. Elas estão muito próximas da experiência sensível e possuem mais força e intensidade do que as impressões de reflexão. Isso se deve ao caráter imediato da sensação, ao passo que a impressão de reflexão não se encontra tão perto dos fatos. A impressão de reflexão não se situa tão perto da experiência como a sensação e está muito distante das impressões primárias, pois é uma abstração. Ela pode se constituir até mesmo como uma percepção mais refinada do que as impressões vulgares da sensação, como várias ideias complexas – como, por exemplo, a ideia de identidade dos corpos físicos e de outras mentes – que construímos em nossa mente. Diz Hume:

As impressões podem ser divididas em duas espécies: de SENSACÃO e de REFLEXÃO. As da primeira espécie nascem originalmente na alma, de causas desconhecidas. As da segunda derivam em grande medida de nossas idéias, conforme a ordem seguinte. Primeiramente, uma impressão atinge os sentidos, fazendo-nos perceber o calor ou o frio, a sede ou a fome, o prazer ou a dor, de um tipo ou de outro. Em seguida, a mente faz uma cópia dessa impressão, que permanece mesmo depois que a impressão desaparece, e à qual denominamos idéia. Essa idéia de prazer ou dor, ao retornar à alma, produz novas impressões, de desejo ou aversão, esperança ou medo, que podemos chamar propriamente de impressões de reflexão, porque derivadas dela. Essas impressões de reflexão são novamente copiadas pela memória e pela imaginação, convertendo-se em idéias – as quais, por sua vez, podem gerar outras impressões e idéias. Desse modo, as impressões de reflexão antecedem apenas suas idéias correspondentes, mas são posteriores às impressões de sensação, e delas derivadas. (HUME, 2001, p. 32, grifos do autor)<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> *Sensation and Reflexion* (HUME, 1992, p. 7)

<sup>4</sup> *Impressions may be divided into two kinds, those of SENSATION and those of REFLEXION. The first kind arises in the soul originally, from unknown causes. The second is derived in a great measure from our ideas, and that in the following order. An impression first strikes upon the senses, and makes us perceive heat or cold, thirst or hunger, pleasure or pain of some kind or other. Of this impression there is a copy taken by the mind, which remains after the impressions ceases; and this we call an idea. This idea of pleasure or pain, when it returns upon the soul, produces the new impression of desire and aversion, hope and fear, which may properly be called impressions of reflexion, because derived from it. These again are copied by the memory and imagination, and become ideas; which perhaps in their turn give rise to other impressions and ideas. So that the impressions of reflexion are only antecedent to their correspondent ideas; but posterior to those of sensation, and deriv'd from them.* (HUME, 1992, p. 8, grifos do autor)

Embora Hume aponte a primazia das impressões em relação às ideias, o objeto de análise da sua investigação não tem como foco as impressões sensíveis. O que está em discussão são as percepções compostas, mais especificamente o campo das ideias. Não há muito o que dizer sobre as impressões, a não ser que constituem percepções primárias provenientes dos sentidos do ser humano, percepções básicas e simples. Hume aponta as impressões como a origem das ideias, mas não questiona nem aponta a origem das próprias impressões.

Hume não está tão preocupado em descrever as impressões quanto está em narrar o movimento associativo entre as ideias. “Na realidade, Hume não se interroga sobre a origem das impressões. Para ele, as impressões são dados originários, para além dos quais não se pode remontar.” (VERGEZ, 1984, p. 18). Não temos como saber o que são as impressões. Em contrapartida a elas, as ideias são mais importantes porque misturam as sensações colhidas pelas impressões sensíveis, sobrepondo uma sensação à outra.

Não se pode negar que as impressões sensíveis constituem a marca deixada pelos objetos, a marca crua, viva, cheia de vida. Mas as ideias, embora pálidas e fracas, e constantemente influenciadas pelas impressões, cruzam percepções diretamente provenientes dos sentidos em uma única ideia, ocasionando ideias cada vez mais complexas. Ideias que impulsionam o conhecimento do ser humano e prosseguem ao campo da ação e do agir moral.

### 1.1 UMA INVERSÃO METODOLÓGICA

Neste ponto, podemos observar que há uma inversão metodológica na argumentação humeana, que mostra Hume mais preocupado com o funcionamento das ideias na mente dos seres humanos do que com os dados expostos pelas impressões. Em razão disso, é mais relevante analisar as ideias, ou melhor, a estrutura mental na qual as ideias são processadas e associadas, deixando as impressões de lado, dando prioridade e ênfase às imagens, isto é, às ideias.

Hume vai além e propõe uma alteração naquele que seria o caminho mais natural a ser seguido por sua investigação. Em vez de especificar a discussão em torno das impressões, é conveniente nos aprofundarmos nas ideias. É nesse sentido que Hume propõe uma inversão no seu método:

Ora, o estudo de nossas sensações cabe antes aos anatomistas e aos filósofos naturais que aos filósofos morais, e por esse motivo não entraremos nele no momento. E como as impressões de reflexão – a saber, as paixões, os desejos e as emoções, que sobretudo merecem nossa atenção – surgem em sua maior parte de idéias, será necessário inverter o método acima mencionado, e que à primeira vista parece mais natural. Para explicar a natureza e os princípios da mente humana, daremos uma explicação particular das idéias, antes de passarmos às impressões. Por essa razão, escolhi aqui começar pelas idéias. (HUME, 2001, p. 32)<sup>5</sup>

A atenção dispensada por Hume ao campo da reflexividade das percepções visa explicar como uma está associada à outra e, para se compreender o processo de conhecimento que vai da impressão até as ideias complexas, é preciso apropriar-se do significado das distinções supramencionadas sobre as percepções.

A teoria humeana do conhecimento constata que o ponto de partida do ato de conhecer é a experiência, mais precisamente as impressões sensíveis – primeiro degrau do aparato perceptivo da natureza humana. As impressões atingem os sentidos e estimulam a produção de ideias. Nesse primeiro degrau da escala do conhecimento, os objetos carimbam a mente humana, deixando sua marca sensível. Daí surge na natureza humana uma impressão da sensação: os objetos afetam a percepção, uma impressão surge dos sentidos, e o homem já não é mais indiferente ao mundo.

Hume indaga, no fundo, a origem de nossas ideias e pensamentos, como afirma Stroud sobre Hume: “Ele pensa que, para entender-se a mente humana, e, portanto, entender porque nós pensamos da maneira como pensamos, devemos tentar descobrir as **origens** dessas maneiras de pensar.” (STROUD, 2005, p. 23, grifo do autor, tradução nossa)<sup>6</sup>. A origem reside, pois, em uma impressão sensível, quando o ser humano é tocado pelos objetos, quando passa a envolver-se com o mundo, como que enredado pelo meio ambiente.

As impressões constituem um ponto de partida fático no processo cognitivo de interação do homem com o mundo. Um homem que queima o dedo na vela, ou aquele que perde os movimentos manuais na boca de um fogão aceso, sentindo na própria pele a ardência

---

<sup>5</sup> *The examination of our sensations belongs more to anatomists and natural philosophers than to moral; and therefore shall not be enter'd upon. And as the impressions of reflexion, viz. Passions, desires, and emotions, which principally deserve our attention, arise mostly from ideas, 'twill be necessary to reverse that method, which at first sight seems most natural; and in order to explain the nature and principles of the human mind, give a particular account of ideas, before we proceed to impressions. For this reason I have here chosen to begin with ideas.* (HUME, 1992, p. 8)

<sup>6</sup> *He thinks that, in order to understand the human mind, and therefore to understand why we think in the ways we do, we must try to discover the **origins** of those ways of thinking.* (STROUD, 2005, p. 23, grifo do autor)

provocada pelo fogo, não possui o poder de ignorar a marca dos objetos, pois o seu mecanismo perceptivo, involuntariamente, acabará enredado a uma sucessão de acontecimentos. Restará impossível ao ser humano negar a sua crença básica e convicta na existência não só do fogo, como, principalmente, de sua dor em relação à queimadura.

Muitas vezes, os eventos nos quais o ser humano é envolvido são prazerosos e agradáveis, mas, em muitas outras ocasiões, o fluxo dos acontecimentos é suficientemente doloroso para o ser humano considerá-lo agradável. Tal é o ato de sentir o fogo arder no próprio corpo. Tal é o modo não só dos objetos afetarem o ser humano, mas, principalmente, dos homens perceberem uma suposta realidade. A natureza humana está disposta a sentir o prazer e a dor, e não pode se negar a ser afetada, constantemente, pelo mundo. Os objetos e as pessoas tocam o seu campo perceptivo de tal sorte que lhe é impossível deixar de se envolver e emitir uma opinião a respeito de determinado assunto. É impossível renunciar à vida e deixar de vivê-la, não mais emitindo juízos de valor, crenças e opiniões. Após a sensação originária, a mente elabora uma cópia dessa impressão sensível, produzindo, automaticamente, uma nova impressão, uma impressão apagada e copiada da sensação, uma impressão reflexiva, que se transfigurará em ideia complexa, em crença, opinião e juízo de valor.

As impressões retornam e alistam-se à natureza humana mais uma vez. Quando se apresentam novamente, as impressões reflexivas estimulam o homem a criar novas impressões e ideias, movimentando o processo associativo. O detalhe é que as impressões de reflexão – já pálidas e obscuras imagens – não possuem o mesmo grau de intensidade e vividez que as impressões da sensação. O retorno das ideias à alma mostra apenas que a produção do conhecimento tem início na experiência, mas não se prende a essa esfera. Nesse processo, as ideias retornam ao entendimento quantas vezes forem necessárias, tornando-se cada vez mais foscas e apagadas, cada vez mais abstratas.

## 2. AS FACULDADES DA NATUREZA HUMANA

O processo de conhecimento que transita entre impressões de sensação e impressões de reflexão passa, então, a produzir ideias – as **ideias da memória** e as **ideias da imaginação**

(HUME, 2001, p. 32 – 33)<sup>7</sup>. Tais faculdades do entendimento constituem compartimentos na mente onde as ideias são relacionadas entre si, onde tornam-se cada vez mais complexas. Para além de um receptáculo, as faculdades da natureza humana são capacidades que operam sobre as ideias, modificando a marca deixada pelas impressões.

Assim como a distinção entre impressão e ideia, ou mesmo entre impressão de sensação e impressão de reflexão, a distinção entre as ideias também possui como característica a imediatez e a vivacidade pela qual uma ideia denota uma impressão. Certamente as ideias são menos intensas do que as impressões, e, mais do que isso, na esfera das ideias, umas são mais fortes do que as outras. As da memória são mais vivazes do que as da imaginação, como diz Hume: “É evidente, mesmo à primeira vista, que as idéias da memória são muito mais vivas e fortes que as da imaginação, e que a primeira faculdade pinta seus objetos em cores mais distintas que todas as que possam ser usadas pela última.” (HUME, 2001, p. 32 – 33)<sup>8</sup>. Conforme o princípio da metodologia empirista, para o qual ideias derivam de impressões, as ideias mais próximas aos sentidos são as ideias da memória, tais como a lembrança, quando a ideia é uma recordação de um acontecimento passado, já vivido e percebido na sua imediatez. Isso significa que as ideias da imaginação são norteadas pela referência empírica. Significa dizer que toda ideia deriva de uma impressão, mesmo as ideias mais fracas e apagadas. Afirma Hume:

Todos admitirão prontamente que há uma considerável diferença entre as percepções da mente quando um homem sente a dor de um calor excessivo ou o prazer de uma tepidez moderada, e quando traz mais tarde essa sensação à sua memória, ou a antecipa pela sua imaginação. Essas faculdades podem imitar ou copiar as percepções dos sentidos, mas jamais podem atingir toda a força e vivacidade da experiência original. Tudo o que podemos dizer delas, mesmo quando operam com o máximo vigor, é que representam seu objeto de uma maneira tão vívida que quase podemos dizer que o vemos ou sentimos. (HUME, 2004, p. 33, grifo do autor)<sup>9</sup>

As impressões constituem o ponto de referência das percepções, principalmente no caso da memória, tendo em vista que uma lembrança é sempre uma lembrança sobre algo que

---

<sup>7</sup> *Ideas of the memory and imagination* (HUME, 1992, p. 8)

<sup>8</sup> *'Tis evident at first sight, that the ideas of the memory are much more lively and strong than those of the imagination, and that the former faculty paints its objects in more distinct colours, than any which are employ'd by the latter.* (HUME, 1992, p. 9)

<sup>9</sup> *Every one will readily allow, that there is a considerable difference between the perceptions of the mind, when a man feels the pain of excessive heat, or the pleasure of moderate warmth, and when he afterwards recalls to his memory this sensation, or anticipates it by his imagination. These faculties may mimic or copy the perceptions of the senses; but they never can entirely reach the force and vivacity of the original sentiment. The utmost we say of them, even when they operate with greatest vigour, is, that they represent their object in so lively a manner, that we could almost say we feel or see it:* (HUME, 2006, p. 17, grifos do autor)

realmente aconteceu. Do contrário, não será ideia da memória, e, sim, da imaginação. A memória provoca ideias que estão mais próximas da experiência sensível, como afirma Kemp Smith: “(...) a diferenciação entre memórias e imaginação deve, portanto, ser feita exclusivamente pelas diferenças que fazem **sentido**, isto é, como questões da experiência **imediate**.” (SMITH, N. K., 2005, p. 230, grifos do autor, tradução nossa)<sup>10</sup>. A experiência sensível, por meio de impressões, gera ideias mais intensas na faculdade da memória do que na da imaginação. Mas ambas dependem das impressões sensíveis.

O que Hume está dizendo, quando alega a imediatez das ideias da memória, é que a diferença entre as duas faculdades da natureza humana se deve à força e à vivacidade. “Uma dessas diferenças, que ele menciona, é a diferença na força e vivacidade das ideias em questão.” (SMITH, N. K., 2005, p. 230, tradução nossa)<sup>11</sup>. Para as ideias da memória, a dependência com relação às impressões é ainda mais evidente, ao passo que, no caso da imaginação, existe um grau maior de subjetividade. Enquanto a memória fica restrita aos dados empíricos, a imaginação ultrapassa a experiência, associando ideias cada vez mais descoladas de fatos empíricos.

## 2.1 AS IDEIAS DA MEMÓRIA

As ideias da memória são lembranças de fatos que realmente existiram – ao menos a mente humana costuma levar em conta esses fatos como se fossem reais e existentes –, fatos que ficaram retidos na memória sob a forma de imagens apagadas. Nesse sentido, as ideias da memória comprovam a primazia das impressões, preservando alguma característica empírica, algum aspecto oriundo das impressões, mesmo quando já nenhuma impressão está presente. Nas palavras de Hume, a faculdade da memória retém “(...) um grau considerável de sua vividez original, constituindo-se em uma espécie de intermediário entre uma impressão e uma ideia.” (HUME, 2001, p. 33)<sup>12</sup>. O homem que queimou a sua mão no passado retém em sua mente a ardência do fogo, como se o fogo ainda ardesse em sua mão. A lembrança daquela impressão sensível traz à mente a sensação da queimadura no próprio corpo – sendo

---

<sup>10</sup> (...) *the distinction between memories and imagination must therefore be made **exclusively** in terms of differences which are **sensible**, i.e. as being matters of **immediate** experience.* (SMITH, N. K., 2005, p. 230, grifos do autor)

<sup>11</sup> *One such difference is, he has stated, the difference in the force and liveliness of the ideas involved.* (SMITH, N. K., 2005, p. 230)

<sup>12</sup> (...) *a considerable degree of its first vivacity, and is somewhat intermediate betwixt an impression and an idea;* (HUME, 1992, p. 8)

impossível, obviamente, trazer à tona a própria queimadura. Os fatos passados tiveram o seu momento presente, mas, atualmente, só existem na mente de cada indivíduo. Tais ideias não passam de lembranças, que nunca deixam de apontar aos fatos empíricos, às impressões originais.

Na gaveta da memória, a referência às impressões sensíveis é mais intensa em suas ideias do que nas da imaginação. A memória produz ideias mais fortes e vívidas do que as ideias da imaginação, de tal modo que a diferença entre as ideias produzidas reside na vivacidade das ideias da memória, “(...) em sua força e vividez superior.” (HUME, 2001, p. 113)<sup>13</sup>. A memória consiste na retenção de um dado das impressões, retenção esta que grava imagens na mente humana.

Mais do que resguardar impressões em forma de ideias, a memória conserva a ordem e a posição delas, como afirma Hume: “A principal função da memória não é preservar as idéias simples, mas sua ordem e posição.” (HUME, 2001, p. 33 – 34)<sup>14</sup>. Memória é recordação, ou reminiscência, de uma coisa percebida no passado. É um modo de introspecção, quando a mente relembra fatos que, a partir do registro das impressões sensíveis, ficaram retidos no entendimento. Impressões que não foram esquecidas e permanecem disponíveis à mente, para que se possa lembrá-las.

É inegável a primazia da impressão no processo associativo de ideias – sejam elas da memória ou da imaginação. Com efeito, a sobreposição de uma ideia sobre as outras mostra “que as idéias da memória são mais **fortes** e mais **vívidas** que as da fantasia” (HUME, 2001, p. 114, grifos do autor)<sup>15</sup>. Tendo em vista que as ideias da memória são vizinhas à experiência sensível, enquanto as ideias da imaginação situam-se muito longe, na profundidade das ideias afastadas do mundo, é plausível que aquelas ideias da imaginação sejam, por certo, mais confiáveis do que as ideias soltas e abstratas da imaginação.

---

<sup>13</sup> (...) *in its superior force and vivacity.* (HUME, 1992, p. 85)

<sup>14</sup> *The chief exercise of the memory is not to preserve the simple ideas, but their order and position.* (HUME, 1992, p. 9)

<sup>15</sup> (...) *that the ideas of the memory are more **strong** and **lively** than those of the fancy.* (HUME, 1992, p. 628, grifos do autor)

## 2.2 AS IDEIAS DA IMAGINAÇÃO

Ao contrário das ideias da memória, as da imaginação não são ideias tão próximas às impressões sensíveis. Nem por isso devem ser recusadas. São justamente as ideias da imaginação que figuram como sustentação de crenças relevantes ao ser humano. A imaginação é livre para a criação, e pode associar uma ideia à outra sem preocupar-se com a referência imediata às impressões sensíveis. A partir da imaginação, os objetos que afetam a natureza humana são conectados e contrapostos entre si, bem como separados e distinguidos da forma como o sujeito imaginar e bem entender.

A mente humana sobrepõe sucessivas ideias, umas sobre as outras, embaralhando-as, a ponto de imaginar “cavalos alados, dragões de fogo e gigantes monstruosos” (HUME, 2001, p. 34)<sup>16</sup>, como o fazem os poetas e romancistas. Hume ressalta “**a liberdade que tem a imaginação de transpor e transformar suas idéias**” (HUME, 2001, p. 34, grifos do autor)<sup>17</sup>, mostrando que as ideias da imaginação se afastam das impressões simples quando a mente joga uma ideia contra a outra, formulando novas ideias, cada vez mais complexas, cada vez mais abstratas. As ideias dessa fantasia chamada imaginação são fracas e apagadas, desvinculadas da sensibilidade. Cada homem que pense o que quiser, pois tais ideias são subjetivas. Diz Hume no *Tratado* sobre a imaginação:

As fábulas que encontramos nos poemas e romances eliminam qualquer dúvida sobre isso. A natureza é ali inteiramente embaralhada, e não se fala senão de cavalos alados, dragões de fogo e gigantes monstruosos. Tal liberdade da fantasia não causará estranheza, porém, se considerarmos que todas as nossas idéias são copiadas de nossas impressões, e que não há duas impressões que sejam completamente inseparáveis – isso para não mencionarmos o fato de que se trata aqui de uma consequência evidente da divisão das idéias em simples e complexas. Sempre que a imaginação percebe uma diferença entre idéias, ela pode facilmente produzir uma separação. (HUME, 2001, p. 34)<sup>18</sup>

Na *Investigação*, Hume novamente aborda a imaginação como uma faculdade habilitada à separação e à mistura das ideias, que possui liberdade para associá-las na natureza humana.

---

<sup>16</sup> (...) *winged horses, fiery dragons, and monstrous giants* (HUME, 1992, p. 10)

<sup>17</sup> (...) ***the liberty of the imagination to transpose and change its ideas*** (HUME, 1992, p. 10, grifos do autor)

<sup>18</sup> *The fables we meet with in poems and romances put this entirely out of the question. Nature there is totally confounded, and nothing mentioned but winged horses, fiery dragons, and monstrous giants. Nor will this liberty of the fancy appear strange, when we consider, that all our ideas are copy'd from our impressions, and that there are not any two impressions which are perfectly inseparable. Not to mention, that this is an evident consequence of the division of ideas into simple and complex. Where-ever the imagination perceives a difference among ideas, it can easily produce a separation.* (HUME, 1992, p. 10)

Nada é mais livre que a imaginação humana, e, embora não possa ir além daquele inventário de idéias fornecidas pelos sentidos internos e externos, ela dispõe de poder ilimitado para misturar, combinar, separar e dividir essas idéias em todas as variedades de ficção e miragens. (HUME, 2004, p. 80)<sup>19</sup>

A imaginação é o compartimento mental onde as ideias são maleáveis e flexíveis, de tal modo que podem ser costuradas e conectadas de uma maneira mais solta. É justamente essa faculdade que representa o caráter perceptivo da natureza humana, e, conseqüentemente, constitui a solução apontada por Hume para o problema do homem. A imaginação é um elemento central para a ciência da mente na teoria humeana, conforme explica Biro:

As regularidades mais relevantes nas mudanças que fazemos de ideia para ideia e de (algumas) ideias para crenças decorrem de certas características da imaginação, a sempre-ativa (e algumas vezes superativa) faculdade não-racional, o caso que em grande parte constitui a teoria científica de Hume sobre a natureza humana. (BIRO, 1998, p. 41)<sup>20</sup>

Pela imaginação, as ideias são associadas entre si. Essa faculdade estabelece relações entre as ideias, que levam a mente ao âmago das ideias complexas. Embora elas estejam numa posição distante das impressões – pelo menos se compararmos com a distância entre impressões e ideias da memória –, é justamente na imaginação que as ideias podem ser unidas e separadas. A imaginação reúne os fragmentos da experiência sensível, envolvendo-os em uma unidade, em um todo coeso. A imaginação é responsável pela síntese entre as ideias e o seu mecanismo pode ser explicado por princípios de união entre essas ideias

### 3. A ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS PELA IMAGINAÇÃO

É importante notar que o movimento entre as ideias ocasionado pela faculdade da imaginação, assim como pela memória, tem a sua origem nos dados sensíveis, no movimento dos corpos físicos. Se observarmos o mundo, um objeto choca-se a outro, provocando um sucessivo e contínuo movimento. Por consequência desse embalo natural, a força que um exerce sobre o outro influencia não somente o tráfego entre os corpos, mas também, e

---

<sup>19</sup> *Nothing is more free than the imagination of man; and though it cannot exceed that original stock of ideas furnished by the internal and external senses, it has unlimited power of mixing, compounding, separating, and dividing these ideas, in all the varieties of fictions and vision.* (HUME, 2006, p. 47)

<sup>20</sup> *The remarkable regularities in the transitions we make from idea to idea and from (some) ideas to beliefs are the result of certain characteristics of the imagination, the ever-active (and sometimes overactive) non-rational faculty, the story of whose workings in large part constitutes Hume's scientific account of human nature.* (BIRO, 1998, p. 41, tradução nossa)

principalmente, a relação entre as ideias no interior da mente humana. O movimento iniciado nos corpos estimula todo um processo associativo entre as ideias, e a imaginação constitui o berço onde tais ideias serão distinguíveis com mais fluidez e desenvoltura.

A natureza humana possui não somente a capacidade de recolher as impressões, mas também de ajustá-las, por meio da imaginação, transformando-as em uma única representação, quer dizer, em uma ideia complexa. A imaginação é uma capacidade operativa da mente, que se nutre do alimento da experiência, mas que também trabalha sobre ele, amoldando as ideias de acordo com as regras da natureza humana. Compete à mente a reunião dos materiais da experiência e, em seguida, o processamento da síntese do material recolhido em uma percepção complexa. Nesse sentido, a imaginação não é um mero receptáculo, passivo às marcas sensíveis da experiência. Certamente, a imaginação colhe o seu alimento na superfície das impressões, mas o procedimento associativo não se resume a isso. A imaginação é uma faculdade mental, uma capacidade de formar imagens obtidas através da digestão das percepções, sejam elas impressões ou ideias.

Existem intérpretes de Hume, como Deleuze, que afirmam que o processamento de ideias é estabelecido nas faculdades da mente, principalmente na imaginação. Reparem que Deleuze não fala de uma associação “pela”, mas de uma associação “na”, que é o local onde a mente tende a ultrapassar os dados da experiência. Diz Deleuze:

Sem dúvida, Hume constantemente repete que a idéia está **na** imaginação. (...) A preposição significa que a imaginação não é um fator, um agente, uma determinação determinante. Nada se faz **pela** imaginação, tudo se faz **na** imaginação. Ela nem mesmo é uma faculdade de formar idéias: a produção da idéia pela imaginação é tão-só uma reprodução da impressão na imaginação. (DELEUZE, 2001, p. 13, grifos do autor)

A natureza humana toma os dados dos sentidos como ponto de partida, coletando os mesmos dados, dados esses dispersos na natureza. Em seguida, relaciona-os com outros ou até mesmo a outras ideias. Depois da apreensão da matéria-prima, a mente mistura o material fornecido pela experiência, relacionando uma ideia à outra, até reuni-las em uma ideia coesa e unitária. Com isso, a mente repete o movimento iniciado por corpos no mundo e reproduz o mesmo movimento no plano das ideias.

### 3.1 OS PRINCÍPIOS REGULADORES DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS

Verifica-se, então, um mosaico de impressões e ideias variadas que a imaginação costura em um único objeto, numa só conexão. Mas, a associação de ideias não é um movimento completamente solto, mesmo na faculdade da imaginação, tendo em vista que o processo de transição entre uma ideia e outra é regido por princípios e qualidades estabelecidos pela própria natureza. Afirma Hume:

É evidente que há um princípio de conexão entre os diversos pensamentos ou idéias da mente, em que, ao surgirem à memória ou à imaginação, eles se introduzem uns aos outros com um certo grau de método e regularidade. (...) Mesmo em nossos devaneios mais desenfreados e errantes – e não somente neles, mas até em nossos próprios sonhos –, descobriremos, se refletirmos, que a imaginação não correu inteiramente à solta, mas houve uma ligação entre as diferentes idéias que se sucederam umas às outras. (HUME, 2004, p. 41)<sup>21</sup>

A associação é regida por princípios que conduzem o processo de conhecimento a ideias complexas. Mas, quais são os princípios que determinam a associação? – indaga-se Hume no anseio de responder a tal pergunta. A associação é regulada pelos seguintes princípios: “(...) parece haver apenas três princípios de conexão entre as idéias, a saber, **semelhança**, **contigüidade** no tempo e no espaço, e **causa** ou **efeito**.” (HUME, 2004, p.42, grifos do autor)<sup>22</sup>. Tanto nas *Investigações* quanto no *Tratado*, Hume ressalta três princípios reguladores da natureza humana, princípios que dispõem regras sobre a associação de ideias. “Seu ponto comum é que eles designam uma qualidade que conduz o espírito **naturalmente** de uma a outra idéia.” (DELEUZE, 2001, p. 113, grifo do autor). Afirma Hume sobre a associação na faculdade da imaginação:

Como a imaginação pode separar todas as idéias simples, e uni-las novamente da forma que bem lhe aprouver, nada seria mais inexplicável que as operações dessa faculdade, se ela não fosse guiada por alguns princípios universais, que a tornam, em certa medida, uniforme em todos os momentos e lugares. (...) As qualidades que dão origem a tal associação, e que levam a mente, dessa maneira, de uma idéia a outra,

---

<sup>21</sup> *It is evident that there is a principle of connexion between the different thoughts or ideas of the mind, and that, in their appearance to the memory or imagination, they introduze each other with a certain degree of method and regularity. (...) And even in our wildest and most wandering reveries, nay in our very dreams, we shall find, if we reflect, that the imagination ran not altogether at adventures, but that there was still a connexion upheld among the different ideas, which succeeded each other.* (HUME, 2006, p. 23)

<sup>22</sup> *To me, there appear to be only three principles of connexion among ideas, namely, **Resemblance**, **Contiguity** in time or place, and **Cause** or **Effect**.* (HUME, 2006, p. 24)

são três, a saber, SEMELHANÇA, CONTIGÜIDADE no tempo ou no espaço, e CAUSA e EFEITO. (HUME, 2001, p. 34 – 35)<sup>23</sup>

As representações imaginadas pela natureza humana não fogem ao parâmetro estabelecido pelos referidos princípios, que ordenam as ideias tendo como farol as vívidas impressões sensíveis. Essas representações são compostas por impressões e ideias sobrepostas e relacionadas entre si, impressões e ideias conectadas segundo regras básicas. A associação de ideias, com o auxílio dos três princípios, está em constante referência às impressões sensíveis, mas isso não significa que as conclusões mentais extraídas dessas impressões a partir do processo associativo sejam exatamente idênticas à experiência sensível. Ocorre justamente o contrário.

A natureza humana inicia o processo associativo em uma impressão sensível, mas tende a afastar-se, cada vez mais, das impressões, como afirma Deleuze: “(...) o sujeito **ultrapassa** o dado” (DELEUZE, 2001, p. 14, grifo do autor). O processamento de ideias avança a experiência, demonstrando a subjetividade da natureza humana. Esta, por sua vez, percebe que um objeto é diferente de outro, tendo em vista que tais objetos são separáveis e distinguíveis no interior de sua própria mente. O homem, por exemplo, observa objetos parecidos; percebe que um objeto está próximo ou distante de outro objeto; e verifica, muitas vezes, que quando um objeto aparece no seu campo fenomênico, outro objeto tende a aparecer em seguida. Nesse processo associativo de ultrapassagem da experiência, a imaginação desempenha uma relevante função para que tais ideias sejam processadas na mente humana.

### 3.2 UMA ESPÉCIE DE ATRAÇÃO

Os princípios da associação de ideias procedem na natureza humana de forma similar aos princípios que determinam a dinâmica dos corpos<sup>24</sup>. Assim como se pode descobrir a

---

<sup>23</sup> *As all simple ideas may be separated by the imagination, and may be united again in what form it pleases, nothing wou'd be more unaccountable than the operations of that faculty, were it not guided by some universal principles, which render it, in some measure, uniform with itself in all times and places. (...) The qualities, from which this association arises, and by which the mind is after this manner convey'd from one idea to another, are three, viz. RESEMBLANCE, CONTIGUITY in time or place, and CAUSE and EFFECT.* (HUME, 1992, p. 10 – 11)

<sup>24</sup> Hume procede do mesmo modo que Newton, só que invertendo o objeto da investigação. Em vez de investigar a dinâmica entre os corpos, Hume prioriza o movimento entre as ideias, isto é, o procedimento mental de produção de ideias. Assim como Newton, que descobre como um corpo é atraído a outro (as leis da gravitação universal), Hume aduz que as ideias da mente são encadeadas de maneira análoga, seguindo uma lei geral, uma regra análoga à lei da atração dos corpos. “(...) Enquanto Newton, na visão de Hume, havia explicado o universo material por meio da lei da atração gravitacional, seu objetivo é explicar o funcionamento da mente por uma

lógica do mundo natural, no sentido de que a relação entre objeto *a* e objeto *b* é regulada por determinados princípios, pode-se, do mesmo modo, descobrir a maneira pela qual as faculdades da natureza humana operam a conexão entre ideias. O que regula tal conexão são qualidades, tais como semelhança, contiguidade e causalidade, qualidades estas que embalam o processo, dando origem à associação de ideias com base em “(...) uma espécie de ATRAÇÃO (...)” (HUME, 2001, p. 37)<sup>25</sup>. Por determinados motivos, uma ideia se atrai à outra, vindo a conectar-se com ela, do mesmo modo pelo qual os objetos físicos se relacionam e estabelecem conexões.

Tais são, portanto, os princípios de união ou coesão entre nossas idéias simples, ocupando na imaginação o lugar daquela conexão inseparável que as une em nossa memória. Eis aqui uma espécie de ATRAÇÃO, cujos efeitos no mundo mental se revelarão tão extraordinários quanto os que produz no mundo natural, assumindo formas igualmente numerosas e variadas. Seus efeitos são manifestos em toda parte; quanto a suas causas, porém, estas são em sua maioria desconhecidas, devendo ser reduzidas a qualidades originais da natureza humana, as quais não tenho a pretensão de explicar. Não há nada tão necessário, para um verdadeiro filósofo, como a moderação do desejo excessivo de procurar causas; ele deve sentir-se satisfeito ao fundamentar uma determinada doutrina em um número suficiente de experimentos, se perceber que um exame mais prolongado o levaria a especulações obscuras e incertas. (HUME, 2001, p. 36 – 37, grifo do autor)<sup>26</sup>

Por meio desses princípios, as percepções ganham nexos, e a maneira pela qual um objeto conecta-se a outro repete na mente o mesmo movimento, só que agora um movimento entre ideias. A associação de ideias “(...) *assemelha-se à força da gravidade em um aspecto diferente, ou seja, que para nós ela é elementar (...)*” (SMITH, N. K., 2005, p. 240, tradução nossa)<sup>27</sup>. A associação reproduz o que a mente percebe, e a mente percebe um movimento entre os corpos, um movimento contínuo e repetitivo que também dará norte às ideias.

---

semelhante lei de associação” – diz Quinton (1999, p. 16). Seguindo a dinâmica dos corpos, uma ideia é associada à outra. A natureza do homem possui a capacidade de relacionar objetos na sua mente, e pode ser explicada à luz das investigações newtonianas acerca do choque entre os corpos. Os corpos estão conjugados, bem como as ideias estão conectadas por princípios unificadores.

<sup>25</sup> (...) a kind of ATTRACTION (...) (HUME, 1992, p. 12)

<sup>26</sup> *These are therefore the principles of union or cohesion among our simple ideas, and in the imagination supply the place of that inseparable connexion, by which they are united in our memory. Here is a kind of ATTRACTION, which in the mental world will be found to have as extraordinary effects as in the natural, and to shew itself in as many and as various forms. Its effects are every where conspicuous; but as to its causes, they are mostly unknown, and must be resolv'd into original qualities of human nature, which I pretend not to explain. Nothing is more requisite for a true philosopher, than to restrain the intemperate desire of searching into causes, and having establish'd any doctrine upon a sufficient number of experiments, rest contented with that, when he sees a farther examination would lead him into obscure and uncertain speculations.* (HUME, 1992, p. 12 – 13)

<sup>27</sup> (...) *resembles the force of gravity in yet another feature, namely, that for us it is ultimate (...)* (SMITH, N. K., 2005, p. 240)

### 3.3 GRAUS DE CONEXÃO E UNIDADE

Assim como os objetos, algumas ideias atraem-se mais do que outras. A atração a que nos referimos não ocorre na natureza humana de modo estanque, sem qualquer variação de grau e intensidade. As ideias estão amarradas e associadas entre si, mas umas estão mais amarradas ou menos amarradas. Algumas ideias estão certamente frouxas e quase desconexas e sem relação mútua. Outras, por sua vez, estão tão bem entrosadas que chegam ao ponto de gerar uma nova ideia, uma ideia complexa e abstrata. Desse modo, a produção de ideias, que se inicia nas impressões sensíveis e chega ao patamar das ideias complexas, visa compor elementos básicos em uma única ideia, formando, conseqüentemente, unidade. Toda conexão entre ideias, todo tipo de relação, tem por fim unidade, ou, como diz Hume, visa a união e a coesão entre as ideias.

As composições narrativas representam vários modos de formação da unidade, tais como na literatura e na poesia, que relacionam diversos acontecimentos na imaginação, conectando-os, até formar “uma espécie de **unidade**, que permite subsumi-los a um único plano ou perspectiva, e que pode ser o objetivo ou fim visado pelo escritor em seu esforço inicial” (HUME, 2004, p. 44, grifo do autor)<sup>28</sup>. Do mesmo modo, a história, que, embora fortemente vinculada à memória, precisa da imaginação para unir as ideias dispersas das impressões e determinar a elas uma finalidade. A natureza humana contrapõe ideias compostas a outras ideias, no intento de constituir uma percepção única, e, através da junção de outras novas ideias, formar na mente as ideias complexas e abstratas.

Aqui, portanto, podemos formar uma certa idéia dessa unidade de ação, da qual todos os críticos, seguindo Aristóteles, tanto têm falado, e talvez com pouco proveito, ao não guiarem seu gosto ou sentimento pela exatidão da filosofia. Parece que, em todas as produções, assim como nos gêneros épicos e trágicos, uma certa unidade é requerida, e que em nenhum momento se pode permitir que nossos pensamentos corram à solta, se quisermos produzir um trabalho capaz de proporcionar um entretenimento duradouro para a humanidade. (HUME, 2004, p. 45, grifo do autor)<sup>29</sup>

Reparem que a imaginação está no comando da operação que costura uma ideia à outra, fornecendo coesão e consistência. Até para engendrar as ideias da memória, a imaginação é previamente convocada pela natureza humana, com a obrigação de ordenar em

---

<sup>28</sup> A edição Selby-Bigge suprimiu este trecho de sua versão em inglês. Em contrapartida, a versão brasileira contempla este inserto.

<sup>29</sup> Este trecho também foi suprimido da versão Selby-Bigge.

uma ideia geral as ideias organizadas pela mente num tempo presente – ideias que serão, após o advento da memória, ideias de um tempo passado. A memória, nesse sentido, apenas resguarda a unidade e a coesão adquiridas pelas ideias quando elas estiveram sujeitas à imaginação. Pois é justamente na imaginação que as ideias são associadas e conectadas umas com as outras, embora tais associações não passem de diferentes graus de percepção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A imaginação opera no processo de associação das ideias, tornando essas ideias cada vez mais complexas, dando a elas conexão, unidade e coesão, sem perder o vínculo com a vivacidade das percepções sensíveis. Com base na metodologia empirista, pode-se dizer que as impressões constituem o ponto de arranque do processo cognitivo, pois, a partir desse ponto, as ideias são associadas e conectadas entre si. As impressões movimentam ideias, dando-lhes vivacidade, pois são percepções vívidas, mais fortes e intensas do que as ideias. São percepções imediatas, ao contrário das ideias que são mediadas pela reflexão e mais afastadas das impressões. Embora as ideias sejam mais fracas, as da imaginação são também mais complexas e abstratas do que aquelas que estão fortemente ligadas a elementos empíricos.

As percepções são, portanto, variáveis, conforme a vivacidade das impressões e a complexidade das ideias, o que enseja as distinções entre níveis de percepção – impressões de sensação de impressões de reflexão, impressões e ideias, conforme ressalta a semântica de Hume. A natureza humana transita no âmbito de todas essas variações, gradativamente, indo das impressões às ideias. No caso das ideias, algumas são mais intensas e conectadas, enquanto outras são frouxas e desconexas, sem relações entre si. Mas, todas elas estão conectadas devido aos mesmos princípios, os princípios reguladores da associação de ideias. O surgimento de ideias complexas e unitárias ocorre por meio de graus de conexão, que as unem aos poucos, de modo gradual, progressivo e uniforme.

## REFERÊNCIAS

BIRO, John. **Hume's new science of the mind**. In: NORTON, David Fate (editor). *The Cambridge Companion to Hume*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 33 – 63.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Traduzido por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001. 160 p.

HUME, David. **A treatise of human nature**: An Attempt to Introduce the Experimental Method of Reasoning. L.A. Selby-Bigge and P.H. Nidditch. Oxford: Clarendon Press, 1992. 743 p.

\_\_\_\_\_. **Tratado da natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. Traduzido por Débora Danowski. São Paulo: Unesp, 2001. 711 p.

\_\_\_\_\_. **Uma investigação sobre o entendimento humano**. In:\_\_\_\_\_. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Unesp, 2004. p. 15 – 146.

\_\_\_\_\_. **An enquiry concerning human understanding**. In:\_\_\_\_\_. *Enquires concerning human understanding and concerning the principles of morals*. L.A. Selby-Bigge and P.H. Nidditch. Oxford: Clarendon Press, 2006. p. 5 – 165.

SMITH, Norman Kemp. **The philosophy of David Hume**: a critical study of its origins and central doctrines. Londres: Palgrave Macmillan, 2005. 568 p.

STROUD, Barry. **Hume**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 2005. 280 p.

VERGEZ, A.. **David Hume**. Lisboa: Edições 70, 1984. 79 p.